



ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO NORTE

N.º 15 — 2.ª SÉRIE

DEZEMBRO DE

1966

PREÇO: \$50

LUTEMOS CONTRA O IMPOSTO DE TRANSACÇÕES

Arrastando o País para a miséria e a bancarrota, a camarilha salazarista criou em Julho último um novo imposto, o imposto de transacções, com o produto do qual pretende continuar a espalhar o terror sobre a nossa terra e a alimentar as guerras nas colónias. Duma assentada os fascistas elevaram o custo de vida em 20 por cento, ele que vinha a subir assustadoramente!

Como não podia deixar de ser, também a pequena e média lavoura são enormemente prejudicadas com este novo imposto, que só beneficiará os monopolistas, os grandes armazenistas e os grandes lavradores, parceiros e aliados daqueles na exploração do povo trabalhador. Isto quer dizer que a esmagadora maioria do nosso povo, em particular os trabalhadores e os camponeses, é prejudicada pelo imposto e, como tal, todos unidos devemos lutar contra ele.

O governo de Salazar, que diz interessar-se tanto pelos problemas da Lavoura, ao isentar alguns produtos do pagamento do imposto não se lembrou de nós, camponeses. Os poucos produtos que ele isentou nada são comparados com os que sobrecarregou.

Isentou-nos sementes: que grande favor, sim senhor! Mas elas já estavam isentas por se tratar de produtos alimentares! Isentou-nos a rafia natural! É preciso ter lata! Agravou-nos as maquinarias e as alfaias agrícolas, desde os tratores às instalações de rega, das charruas e arados às enxadas, do arame às tesouras de poda. Que dizer, foi tudo o que é fundamental para o amanho das nossas terras, o que se traduzirá por uma acentuada quebra nos nossos rendimentos.

E os lucros da CUF, que nos vende os adubos ao preço que lhe interessa, foram diminuídos? Não, continuam a aumentar!

E os lucros da Celulose de Cacia, que rouba escandalosamente nas madeiras que nos compra, baixaram? Nada disso, aumentam cada vez mais!

E os lucros dos grandes armazenistas, que nos exploram na compra dos vinhos, decresceram? Não, continuam a elevar-se.

E os lucros da SOCER, que nos obriga a vender-lhe a resina pelo preço que melhor lhe convém, estabeleceram? Não, continuam a subir!

E, infelizmente para nós, os exemplos poder-se-iam multiplicar às dezenas e às centenas. Era sobre estes que o governo fascista de Salazar deveria lançar o imposto. Eram eles que deveriam pagá-lo, (cont. na pág. 2)

VITICULTORES !

OS VINHOS DEVEM SER ESCOADOS

E PAGOS !

Agora que as vindimas terminaram e que chegou a altura de nós, viticultores, fazermos contas à vida, não serão poucos os desesperados que pela traca colheita, pela sua deficitária situação financeira e pela perspectiva de terem que recorrer uma vez mais a empréstimos hipotecários, deitarão as mãos à cabeça.

A produção foi muito inferior à do ano findo, regulando por dois terços e, em certos casos, por menos de metade. Com as adegas cheias em virtude de não haverem tido possibilidades de vender os vinhos da colheita anterior, muitos lavradores não tiveram vasilhame para recolher o da colheita actual e ao comprar novo vasilhame arriscaram-se a gastar toda a receita que o vinho deste ano venha a dar. Por outro lado, a JNV não só não tirou, como lhe competia, todos os vinhos da colheita do último ano, causando assim grandes transtornos e prejuízos a muitos viticultores, como continua a dever a muitos vinhateiros os vinhos da colheita de 1965 e anteriores. E ainda como se tudo isto fosse pouco, o governo de Salazar acaba de criar um novo imposto, o imposto de transacções, encarecendo assim extraordinariamente o custo de vida.

A situação dos vinhateiros continua a ser, pois, cada vez pior. É urgente, portanto, que cada um de nós, pequenos e médios viticultores, compreenda que quer o ano seja bom quer seja madraço, as nossas dificuldades não só se mantêm como se agravam, e que não podemos esperar que o governo de Salazar nos tire da difícil situação para que ele próprio nos matou. São quarenta anos de governo salazarista que nos mostram que é assim, que nos dizem que o governo fascista de Salazar existe unicamente para servir os interesses dos grandes lavradores e dos grandes capitalistas. Durante estes 40 anos de ditadura fascista, enquanto a nossa situação económica não tem parado de se agravar, a ponto de atirar muitos de nós para a ruína e a miséria, os grandes lavradores e os armazenistas, que se encontram à frente dos grêmios e das juntas e que dominam o comércio dos vinhos, os banqueiros e os usurários, a quem recorreremos, e os monopólios, a quem compramos os produtos de que necessitamos, estão cada vez mais ricos.

Que significa isto? Significa que, se quisermos evitar a completa ruína necessitamos de intensificar os nossos protestos, a nossa luta contra o facto de a

(continua na pág. 2)

UNIDOS MELHORAREMOS A NOSSA SITUAÇÃO!

**GES
PCP**

A situação da pequena e média lavroua agrava-se constantemente, levantando contra o grande capital e o governo fascista de Salazar, responsáveis por esta situação, os pequenos e médios agricultores, que se vêm caminhar rapidamente para a ruína e a miséria. Apesar disso, e atendendo ao grande descontentamento existente entre os agricultores nortenhos, nós perguntamo-nos muitas vezes por que razão não são ainda maiores e continuas as nossas lutas.

Que impede, pois, o alargamento e a continuidade dos protestos dos pequenos e médios lavradores contra a acção das Juntas (dos Vinhos, das Frutas, etc.) contra os Grémios, enfim, contra toda a orgânica corporativa fascista, que só existe para defender os interesses dos grandes lavradores e do grande capital?

A resposta não pode ser outra: é a nossa insuficiente organização que explica, no fundamental, que não nos reunamos em maior número e mais frequentemente na sede dos Grémios, Juntas e Federações para discutir os nossos problemas e que não desencadeemos maiores e mais enérgicos protestos contra a situação de ruína e miséria para que o grande capital e o governo de traição nacional de Salazar procurem a todo o custo atirar-nos.

Lutemos contra o imposto

(cont. da 1.ª pág.)

não para alimentar as guerras coloniais; mas para melhorar a situação dos que trabalham. Mas somos nós e os trabalhadores que morremos nessas guerras e que, ainda por cima, as pagamos.

Tal situação não pode continuar! É preciso lutar contra ela. É preciso derrubar um tal governo e pôr no seu lugar um governo que sirva o povo e o país. E uma forma de lutarmos pelo seu derrubamento é lutarmos contra o imposto de transacções, recusando-nos a pagá-lo.

Lavradores e camponeses do Norte! Nas cooperativas, nos grémios, nas juntas e federações, protestemos contra o imposto de transacções.

E quanto aos outros impostos, exijamos um imposto progressivo! Que pague mais quem mais ganhe!

O que se está a passar com os impostos, o vinho, a batata e os adubos, para só falarmos nestes casos, obriga-nos a não ficarmos de braços cruzados.

Urge, pois, que tomemos a peito sem perda de tempo a tarefa de nos organizarmos, começando por promovermos uma maior difusão do nosso jornal, «A Terra», entre todos os camponeses, conversando com eles sobre os problemas que a todos afligem, demonstrando-lhes

a necessidade de nos reunirmos, de discutirmos os nossos problemas e de exigirmos junto dos Grémios, Juntas e governo fascista a satisfação dos nossos legítimos anseios.

As Juntas, os Grémios e o governo de traição nacional de Salazar só têm um objectivo: servir e defender os grandes lavradores e o grande capital! Defendamo-nos deles, unindo-nos e lutando. Só assim alcançaremos melhoria para a nossa situação!

Viticultores! Os vinhos devem ser escoados...

(continuação da 1.ª página)

J.N.V. continuar a limitar o volume das nossas entregas, continuar a não escoar todos os vinhos e a pagar com grande atraso os vinhos tirados. Significa que precisamos de alargar os nossos protestos, a nossa luta contra o facto de a J.N.V., os grémios, as federações nas cooperativas oficiais continuarem a ser dirigidas pelos grandes lavradores e capitalistas que estão lá unicamente para se governarem à custa dos pequenos e médios lavradores. Significa que temos de intensificar e alargar os nossos protestos, a nossa luta contra o governo dos grandes lavradores e dos grandes capitalistas, o governo fascista de Salazar, cuja única missão é permitir que os grandes roubem à vontade os pequenos.

Mas para lutarmos e vencermos precisamos de nos unir e de nos organizar, e de nos unir e organizar bem; porque só a união faz a força, e não poderemos defender os nossos interesses e as nossas terras se não estivermos suficientemente unidos e organizados.

Defendamos pois os nossos interesses e as nossas terras, conversando com os nossos colegas sobre os problemas que a todos afligem. Organizemos amplas reuniões de pequenos e médios viticultores para que todos decidam das medidas a tomar para sairmos da triste situação em que nos encontramos. Nesta situação não podemos continuar. Os vinhos têm de ser escoados e pagos. Os impostos devem baixar. Os escandalosos preços porque nos são vendidos os adubos e os pesticidas

têm que acabar. Há que exigir preços compensadores para os produtos agrícolas e assistência técnica. Há que reclamar contra a acção das juntas e dos grémios. Há que desmascarar a acção do governo em benefício dos grandes e em prejuízo dos pequenos.

Pequenos e médios viticultores! Formai comissões, constituídas pelos pequenos e médios lavradores mais considerados e combativos, para encabeçar a luta! Ide aos grémios, às juntas às câmaras e aos governos civis e exige a satisfação das vossas reclamações! Que os vinhos sejam escoados e pagos! Que os vinhos da colheita deste ano sejam pagos a tempo e horas!

RADIO PORTUGAL LIVRE

TODOS OS DIAS

Das 8 às 8,30 em 50 metros; das 20 às 20,30 e das 22,15 às 22,45 em 32 metros; das 0,30 às 0,50 em 26, 40 e 45 metros.

Aos domingos das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

A VOZ DA LIBERDADE



(EMISSORA DA F.P.L.N.)

ÀS QUARTAS E SABADOS

a partir das 0,15 (meia noite e um quarto) em ondas curtas de 25, 31 e 49 metros e em ondas médias de 230 e 320 metros.

PARA AS COOPERATIVAS!

Há muito tempo já que algumas cooperativas tinham pedido ao secretário de Estado da Agricultura autorização para que fossem abertos postos de venda de fruta ao público. Esta reivindicação agrícola acautelaria os interesses dos produtores e dos consumidores. Mas por motivos a que não é alheia a Junta Nacional das Frutas, tais postos nunca foram autorizados. Isso não interessava aos grandes negociantes, que mandam na Junta como em suas casas.

A falta de fruta verificada este ano nos nossos pomares, possibilitou aos intermediários (J.N.F. incluída) agir especulativamente no mercado, lesando o público com preços inoportunos. Este agravamento de preços levantou uma onda de protestos em todo o País, forçando o governo a tomar, embora demagógicamente, providências urgentes. Para isso, em Lisboa, a UCAL foi autorizada a vender fruta nos seus postos de leite e, no Porto, a J.N.F. abriu por sua conta uma meia dúzia deles. Os efeitos não se fizeram esperar. Tal como as cooperativas previam, provou-se que os postos de venda directa ao público podiam servir este em melhores condições de preço. Mas a J.N.F. mostrou-se impotente para enfrentar os altos interesses financeiros dos especuladores, mostrou-se incapaz de defender destes o consumidor. Os postos eram intencionalmente abastecidos com pouca fruta, que rapidamente se esgotava, a maior parte da qual era adquirida por comerciantes especuladores que depois a vendiam mais cara. E a fruta que os produtores enviavam para os postos era paga com descontos de vária ordem com a intenção de demonstrar a estes que o melhor ainda era vendê-la aos intermediários que lá lhe apareciam a comprá-la. Nas condições em que isto se passou, nem o público nem o produtor foram beneficiados, mas somente porque não era esse o desejo do governo. No entanto, tal como as cooperativas têm afirmado, uns e outros beneficiarão se estas forem autorizadas a vender a fruta directamente ao público. Há pois que continuar a fazer tal reclamação junto do governo.

QUE AS COOPERATIVAS DE PRODUTORES SEJAM AUTORIZADAS A ABRIR LIVREMENTE POSTOS DE VENDA DE FRUTA!

ABAIXO A GUERRA COLONIAL!

Faz dentro em breve 6 anos que começou a guerra colonial. Foram 6 anos de mortos, destruições, desgraça e miséria para milhares e milhares de portugueses e africanos.

Apesar desta atroz realidade, o governo fascista-colonialista de Salazar persiste, cega e teimosamente, em continuar com a guerra que arrasta o país para a ruína e descrédito internacional.

Camponeses! Por todas as formas ao nosso alcance exijamos o fim da guerra nas colónias e o regresso dos soldados que lá se encontram! Exijamos a abertura de negociações com os movimentos libertadores africanos, a fim de estes ascenderem à independência a que têm direito e pela qual lutam e morrem de armas na mão!

Paz nas colónias! Abaixo a guerra colonial!

MELHORES PREÇOS DOS OVOS

PARA O PRODUTOR E O CONSUMIDOR!

Em Abril último foi estabelecido, por despacho do secretário de Estado da Agricultura, um novo preço para os ovos, fixado na base de 17500 por quilo, até ao fim do ano em curso. Este preço é uma reivindicação conquistada pelos produtores ao governo, pois, afirmam eles, aquela garantia beneficia o consumidor.

Contudo, nem o produtor nem o consumidor viam os seus interesses acautelados com a publicação do referido despacho. E tal não aconteceu porque o mesmo não foi acompanhado das medidas indispensáveis à sua concretização, quer por parte da Secretaria da Agricultura quer pela Secretaria do Comércio.

É verdade que também o secretário de Estado do Comércio reconheceu que os interesses do consumidor se encontravam gravemente lesados pela prática de preços inoportunos. No entanto, este secretário só depois de 10 meses da saída do primeiro despacho (18/11/65) convocou e Concelho Técnico dos Ovos para que este lhe desse conhecimento das quantidades existentes no país, a fim de se proceder imediatamente às importações necessárias. Haveria tempo para resolver, sem precipitações, em dois meses um problema que não se conseguiu resolver em 21 meses? Claro que não!

Porque não deu o secretário do Comércio, há mais tempo, os seguintes passos:

- a) um inquérito junto dos aviários de produção de ovos;
- b) um inventário da existência de galinhas de exploração de ovos;
- c) uma garantia dos preços das rações;
- d) uma garantia dos preços ao produtor;
- e) acautelar os interesses do consumidor contra o comércio especulativo;
- f) levantar um inquérito à Inspeção de Actividades Económicas, pois que este organismo tem elementos concretos que lhe permite localizar todos os intermediários que motivaram o movimento de inflação do ano findo e que têm feito o mesmo este ano?

Mas, claro, como os principais negociantes estão na Junta N.P. Pecuários, este organismo não consegue (nem nisso está interessado) pôr cobro à crise de preços existente.

Produtores de ovos! O tempo já nos mostrou que nunca serão os secretários de Estado da Agricultura ou do Comércio, que resolverão os nossos problemas!

Como membros do governo fascista de Salazar, eles só se preocupam em defender os interesses dos capitalistas e dos grandes lavradores. Teremos de ser nós a impor-lhes as soluções: através da nossa unidade, da nossa organização, da nossa luta.

Os fascistas só conhecem uma linguagem: a linguagem da força! Pois mostremos-lhes a força que podemos ter unidos. Se eles não aceitarem as nossas reclamações, passemos por cima dos despachos e da J.N.P.P. e vendamos os nossos ovos directamente ao consumidor. O povo compreenderá a nossa atitude e ajudará-nos.



POR UMA LAVOURA

LIVRE

LIBERDADE PARA OS PRESOS POLÍTICOS!

O estado de abandono e miséria em que se encontra a nossa lavoura, é por demais conhecido. O governo salazarista é responsável pela situação que arrastou o povo português para a maior crise económica e política, jamais conhecida da nossa história.

Camponeses, o governo fascista não ajudará a desenvolver a agricultura em benefício dos pequenos e médios lavradores, porque o dinheiro do campo é desviado para beneficiar os grandes agrários (quer seja construindo canais de irrigação de que só eles beneficiam, quer fornecendo-lhes ceifeiras, debulhadoras, crédito nas melhores condições, etc.) e para sustentar as miseráveis guerras coloniais.

O salazarismo não nos fornece assistência técnica em boas condições, equipamento, sementes e adubos, meios de protecção contra as doenças e parasitas e não nos favorece com boas condições de venda dos nossos produtos.

Camponeses, a lavoura no nosso país está ainda na fase de sub-desenvolvimento. Mais de 90% dos trabalhos agrícolas são feitos à força de braços ou com animais; nenhum país da Europa acusa tão alta percentagem. Quanto à mecanização nos campos, Portugal ocupa o último lugar na escala europeia.

Homens do campo, temos de dizer NÃO a este estado de coisas. Temos que exigir que o dinheiro que é desviado para os grandes agrários e para as guerras coloniais, seja gasto no auxílio à lavoura e na construção de estradas, escolas e hospitais para melhor servir o nosso povo e a paz.

Colegas camponeses, é preciso lutarmos contra a camarilha que se encontra ilegalmente no poder e que impôs e continua a impor ao povo fome e miséria.

É preciso lutarmos por um governo democrático, porque só ele nos poderá entregar, através duma reforma agrária, a terra expropriada aos latifundiários e capitalistas, a fim de nós a explorarmos individualmente ou em cooperativas, concedendo-nos créditos a juros módicos, fornecendo-nos máquinas em boas condições, facilitando-nos a

Há 40 anos que o nosso povo é governado por um governo fascista a soldo do imperialismo estrangeiro, e ao serviço dos monopolistas nacionais e dos latifundiários. Há 40 anos que a nossa lavoura é enganada e esafundada cada vez mais.

A política salazarista em relação a nós, camponeses, é permitir que os grandes senhores da terra continuem a enriquecer, enquanto nós somos forçados a viver na miséria.

Para se manter no poder, o fascismo aumenta o terror, prendendo, torturando e assassinando quem ouse manifestar-se contra a sua política.

Colegas camponeses! Nas cadeias salazaristas estão alguns dos melhores filhos do nosso povo, trabalhadores da cidade e do campo, estudantes e intelectuais, aqueles que sempre estiveram ao nosso lado na luta por uma lavoura progressista. É preciso lutar pela sua libertação. Uma grande vitória foi já alcançada pelo nosso povo, com a ajuda de numerosas vozes inter-

nacionais. Foi ela a libertação de vários patriotas que há longos anos estavam encarcerados. Mas outros há que é urgente libertar: Afonso Gregório, José Magro, Augusto Lindolfo, José Carlos, Agostinho Saboga, Sofia Ferreira, António Santo, João Honrado, todos eles gravemente doentes.

Colegas camponeses, juntemos as nossas vozes às reclamações de Amnistia que ao governo chegam de todos os pontos do país, às reclamações que de todo mundo vêm.

Saudemos a 3ª Conferência Americana pela Amnistia aos Presos Políticos Portugueses que se realizou em Toronto, no Canadá, durante o passado mês de Novembro, intensificando a luta pela Amnistia.

Nas estradas, nos muros, nas paredes, escrevemos: **Abaixo a repressão! Abaixo as medidas de segurança! Que cessem as torturas aos presos! AMNISTIA! AMNISTIA! AMNISTIA!**

PREPAREMOS AS ELEIÇÕES

PARA AS JUNTAS DE FREGUESIA!

1 de Fevereiro

Principia no dia (2 de Janeiro) e termina em Março, o recenseamento para as eleições das Juntas de Freguesia que se devem realizar em Outubro - Novembro de 1967. Todos nós, camponeses, deveremos recensearmos-nos, e levar os nossos familiares e amigos a proceder de igual modo.

Mas não basta só recensearmos-nos. É preciso começar desde já a falar uns com os outros, discutindo os nossos problemas e a melhor forma de se resolverem. É necessário trabalhar para que em cada freguesia se constitua uma

aquisição e transporte de adubos e insecticidas e prestando-nos assistência técnica.

Só um governo democrático poderá permitir-nos pagar maiores salários e garantir trabalho aos assalariados rurais.

Colegas camponeses! Unidos venceremos! Lutemos por uma lavoura livre e próspera!

comissão de homens e mulheres honrados, que se disponham a participar activamente na preparação das eleições, orientando e dirigindo toda a movimentação indispensável às mesmas.

É claro que não basta a eleição de homens e mulheres escolhidos por nós para dirigir as Juntas de Freguesia, para que os problemas da lavoura sejam resolvidos. Não isso só acontecerá quando for derrubado o regime fascista implantado no nosso País há 40 anos, e instaurado um regime democrático. Mas disputar as eleições é apressar o dia em que tal derrubamento se dará. Ganhar posições nas Juntas de Freguesia é enfraquecer a máquina administrativa fascista e impor por seu intermédio a solução de alguns daqueles.

Por tal razão, devemos participar nas eleições para as Juntas de Freguesia, começando por recensearmos-nos. Todos ao recenseamento!

24.1.67